

## Editorial

Kátia Lerner<sup>a</sup>

Lucimara Fabiana Fornari<sup>b</sup>

Rebeca Nunes Guedes de Oliveira<sup>c</sup>

O surgimento do novo coronavírus, em dezembro de 2019, trouxe para as sociedades contemporâneas desafios inéditos. Ainda que a história da humanidade conte com um número significativo de epidemias, poucas tiveram tamanho impacto no que se refere à abrangência, velocidade de disseminação e ao número de mortes em termos percentuais. A Covid-19 eclodiu trazendo incertezas biomédicas, epidemiológicas e de saúde pública, a despeito do grande desenvolvimento das tecnologias médicas no século XXI. O debate público foi tomado por questões como os procedimentos mais adequados de prevenção e controle (distanciamento social, máscaras, testagem e vacinas), as formas de tratamento (cloroquina e outros fármacos) e seus impactos individuais e coletivos – sejam psicológicos, econômicos e sociais. Esses temas tiveram como pano de fundo a discussão sobre os limites entre a liberdade individual e a responsabilidade coletiva, o lugar do Estado na condução dos processos e a ciência em evidência, vista simultaneamente como fonte de desconfiança e esperança, em um contexto de forte polarização política.

A emergência da pandemia jogou luz para outra questão de grande relevância nas sociedades contemporâneas: o lugar da comunicação e sua interface com os processos de saúde-doença. Se os meios massivos – e em especial o jornalismo – tiveram protagonismo ao longo do século XX na construção da saúde como questão pública, promovendo a visibilidade – ou invisibilidade – de certos temas, atores e perspectivas, esse cenário foi complexificado com o advento da internet nas últimas décadas. Observa-se um novo regime de produção, circulação e consumo de bens simbólicos que se deu em um cenário de convergência tecnológica, formas de conectividade inéditas e um contexto marcado

---

<sup>a</sup> Editora Convidada. Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz.

<sup>b</sup> Editora Convidada. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

<sup>c</sup> Editora. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

pela datificação. As sociedades midiáticas passaram a ter novas vozes em circulação, em ritmo veloz e diversidade acentuada, reconfigurando as lógicas de visibilidade das mídias tradicionais.

Os antigos protagonistas na enunciação sobre os temas da saúde – como jornalistas e autoridades sanitárias a nível governamental ou das instituições de saúde – passaram a conviver e disputar com outros atores que emergiram na cena pública, acirrando a concorrência discursiva e a luta pelo poder simbólico. Ainda que permaneçam as assimetrias, cada um, a seu modo, vem pleiteando o estatuto de verdade para sua visão de mundo e seu lugar de autoridade por meio de distintas formas de legitimação. Se esse era um processo já em curso, ele foi acirrado de modo agudo no contexto da Covid-19.

As tecnologias de informação e comunicação se fizeram presentes nas sociedades afetadas pela pandemia de formas ainda mais abrangentes. Seja trazendo novos contornos às práticas de cuidado, com a disseminação da telemedicina, seja na vigilância epidemiológica, ou ainda acirrando o processo de reconfiguração entre os espaços público e privado. O século XXI foi marcado pela circulação intensiva de pessoas e mercadorias, no entanto, nesse novo contexto a rua e os outros espaços coletivos “encolheram”, ressignificados à luz das noções de *perigo* e *transgressão*, trazendo uma ampliação dos espaços digitais e da mediação tecnológica nas interações sociais. Assim, a esfera privada foi se reorganizando para incorporar o trabalho, a educação formal, as práticas religiosas, o lazer, as interações afetivas e as formas diversas de consumo. As rotinas domésticas sofreram um profundo impacto, afetando as relações de gênero, familiares, educacionais e dos indivíduos com o seu próprio corpo e os objetos ao redor.

Foi à luz desse conjunto de questões que a Revista Comunicação e Inovação lançou sua chamada para o dossiê temático “*Comunicação e Inovação em tempos de pandemia*”, em abril de 2020, momento ainda marcado pelo período mais dramático das taxas de infecção e óbito no país. Para além das condições adversas nas quais todos nos encontrávamos, os textos submetidos foram produzidos em meio ao desafio que marcou toda a produção científica no contexto pandêmico: a construção de um conhecimento par e passo com o desenrolar dos acontecimentos. Seus resultados refletem, desse modo, um conjunto diverso de questões que mobilizaram a sociedade brasileira nesse momento e podem ser aglutinados em três grandes eixos temáticos.

O primeiro deles refere-se à questão da informação sobre a Covid-19, em especial no que tange às tensões entre as falas autorizadas e alinhadas ao discurso científico em contraposição a perspectivas que se situam no âmbito da desinformação. Aqui, foram

problematizados a comunicação científica e o jornalismo das grandes corporações, observando-se tanto seu contexto de produção, marcado pelo excesso e pelas distintas formas de vinculação com as fontes científicas, como pelas novas formas de circulação do material jornalístico, que favorecem múltiplas apropriações dos conteúdos veiculados. Está em tela a autoridade do jornalismo, que passa a pleitear de volta seu lugar de produção de verdade e de fonte de confiança com seu trabalho de apuração por meio das agências de checagem. Discute-se, ainda, a emergência de outros especialistas que não são apenas ou prioritariamente legitimados pelas instituições científicas, mas pelo capital simbólico de sua visibilidade midiática, híbridos entre especialistas e comunicadores. Foram abordados, ainda, os sentidos sobre a alteridade presentes nos textos que circularam sobre a China nas redes sociais.

Assim, o primeiro conjunto de textos se inicia com o artigo “Comunicação, circulação e velocidade: o tempo da informação na mídia e da ciência”, que apresenta uma discussão sobre a relação entre jornalismo e divulgação científica, analisando como o contexto de crise sanitária interfere nas formas de circulação de informações científicas publicadas na mídia jornalística. A respeito da relação entre mídia e divulgação científica, o artigo “Dráuzio Varella e Atila Iamarino: uma análise do YouTube dos influenciadores digitais como fontes de informação na pandemia da covid-19” traz uma análise interessante acerca dos influenciadores digitais da saúde e da ciência e sua popularização na pandemia, revelando novas tendências para a divulgação de informação científica em emergências sanitárias a partir desses canais.

A comunicação como objeto de estudo apresenta sua centralidade no processo de mediação em relação à informação, revelando a desinformação como interface contraditória e objeto de grande parte dos artigos submetidos, cujo combate se fez premente na pandemia de COVID-19. Nesse contexto, destacam-se os artigos "Covid-19 e desinformação: ações de *fact-checking* e educação midiática", "*Fact-checking* no combate às *fake news* sobre a COVID-19: um estudo exploratório das agências digitais de checagem de fatos contra a desinformação" e "O vírus do morcego: *fake news* e estereotipagem dos hábitos alimentares chineses no contexto da COVID-19". O primeiro artigo evidenciou a importância da educação midiática, o segundo artigo enfatizou o processo e a frequência das checagens de informações sobre a pandemia, e no terceiro artigo analisaram-se as notícias falsas produzidas sobre os hábitos alimentares da população chinesa.

O segundo grupo de textos refere-se à repercussão da pandemia nas populações vulneráveis. Se por um lado o novo coronavírus tem grande potencial de atingir a todos de forma indiscriminada, por outro as condições desiguais de vida alteraram de forma incisiva essa suposta universalização sanitária. Mais ainda, a pandemia teve como desdobramento o agravamento das desigualdades sociais. Os grupos sociais que viviam em situação de vulnerabilidade se depararam com a ausência de assistência e infraestrutura básica para a contenção e o enfrentamento do novo coronavírus. Dessa forma, considera-se que a pandemia tem sido experienciada de maneira distinta pela população brasileira, revelando, para além das vulnerabilidades, o lugar estratégico da comunicação para o enfrentamento do problema nos diferentes territórios e pertencimentos sociais.

No caso da população indígena, o artigo “A comunicação estratégica e histórica dos Sateré-Mawé/AM no enfrentamento à Covid-19 na Amazônica Central” revelou a necessidade de criação de uma estratégia de comunicação como medida para estabelecimento de barreiras sanitárias, com vistas ao enfrentamento da desinformação e contrainformação. No sentido de promover informação de qualidade sobre a Covid-19, o artigo “Redes de aquilombamento contra a Covid-19 uma análise das estratégias de coletivos populares na Grande Recife” relatou as ações educacionais propostas por cinco organizações populares quilombolas que visavam o enfrentamento do novo coronavírus em seu território geopolítico.

Outros dois artigos, “Pandemia da violência contra mulheres: análise de redes semânticas de comentários do Twitter” e “Retratos da violência doméstica de gênero na pandemia da Covid-19”, tiveram como temática central a população feminina em situação de violência. O primeiro artigo apresentou sua análise direcionada para o debate sobre machismo e violência contra a mulher em uma rede social durante a medida de isolamento social em decorrência da Covid-19. Enquanto o segundo artigo evidenciou os casos de violência doméstica retratados pela mídia jornalística durante a pandemia.

A pandemia, a necessidade de distanciamento social e o decreto de quarentena nas cidades descortinaram a centralidade da mídia para as interações cotidianas, de modo que houve uma reconfiguração das relações sociais a partir da mediação tecnológica, que influenciou também as esferas da afetividade, do tempo, da educação, da religião e da publicidade, questões apresentadas no terceiro grupo de textos.

A ressignificação das relações interpessoais é investigada no artigo “Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias

sociais para interação durante a pandemia de covid-19”, que analisa a partir de uma pesquisa de abordagem quantitativa a centralidade das mídias sociais digitais para a interação nas relações afetivas. O artigo “Diários da quarentena’: a experiência do Podcast em tempos de isolamento social” aborda uma experiência de uso do Podcast como mídia inovadora para a comunicação de narrativas sonoras do cotidiano na pandemia.

O artigo “Hipermodernidade e a desaceleração do ritmo de vida provocada pela pandemia de covid-19” apresenta reflexões sobre as influências que a desaceleração do contexto de crise pandêmica podem trazer para o ser humano hipermoderno, com base em um estudo de revisão e nos conceitos de aceleração e desaceleração.

O cotidiano do ensino constituiu um dos grandes desafios da pandemia. Com as atividades escolares presenciais suspensas, a educação precisou rapidamente passar por uma adaptação a essa realidade, que se apresenta complexa em um país de desigualdades como o Brasil. O artigo “O papel da TV digital no ensino remoto em tempos de pandemia” traz a experiência do uso dessa mídia pelos governos para contornar a falta de acesso à internet, a partir das experiências do Amazonas, São Paulo, Distrito Federal e Salvador.

A dimensão midiática da religião e o uso da mídia para promover a interação entre a igreja e seus fiéis é objeto de estudo do artigo “A centralidade da mídia para a vivência da fé católica em tempo de pandemia: dispositivos que propiciam reconexões”. No âmbito da publicidade, autocuidado e a gestão de si são abordados a partir do conceito de biopolítica do consumo no artigo “Publicidade e biopolítica do consumo na pandemia: análise da interface Comunicação e Saúde no contexto da covid-19”, que explora a problemática a partir da análise de campanhas das marcas Nike e Pão de Açúcar implementadas durante a pandemia, em uma discussão que articula comunicação, saúde e consumo.

Neste dossiê constatou-se que a comunicação foi evidenciada como meio e objeto de investigação durante a pandemia de Covid-19. Meio de investigação quando possibilitou compreender de que maneira as informações foram compartilhadas nas redes sociais, mídias sociais e jornalísticas. Objeto de investigação no momento em que os pesquisadores orientaram seus estudos para conhecer o potencial da comunicação para o enfrentamento do problema. No que concerne aos aspectos metodológicos, os artigos trouxeram significativa diversidade de procedimentos, abordagens e recortes analíticos. As pesquisas empíricas e aplicadas, desenvolvidas nas diferentes regiões do país, apresentaram caráter inovador.

A despeito de uma conjuntura contraditória e de desvalorização da ciência em nosso país, pesquisadores, programas de pós-graduação e grupos de pesquisa continuam atuantes na construção do conhecimento, reafirmando a importância da ciência e a fertilidade da área da comunicação em sua articulação com a saúde para compreender e intervir na realidade social.